

Será um mito a economia verde?

written by Cristina Montez | 7 de Setembro, 2023

OCIDADAO
Jornalismo Livre



Cristina Montez

Economia verde é aquela que resulta na melhoria do bem-estar humano e igualdade social ao mesmo tempo que **reduz**, significativamente, os riscos ambientais e a escassez ecológica (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA))

Pode dizer-se que a economia verde **compõe o sistema económico**

baseado no investimento, produção, comercialização, distribuição e consumo de bens e serviços, tendo em conta que, a mais-valia desta cadeia, esta na valorização do ambiente e na redução do seu impacto ambiental. Portanto, o que se pretende com a economia verde é estimular a redução da correlação negativa “existente” entre o crescimento económico e preservação ambiental.

No entanto, para muitos, esta correlação não passa de um **mito**, e tecem um discurso verdadeiramente inflamado defendendo que, **num mundo onde o tempo escasseia e a concorrência se impõe, não se pode pautar por “requisitos verdes”.** Para outros, o mito pertence, sim, ao domínio dos que defendem que **existe uma concorrência desleal entre sustentabilidade ambiental e progresso económico,** à assunção de que para a primeira evoluir/progredir o segundo tem que abrandar/regredir. Para estes, não poderemos corroborar com a ideia de que a economia verde **inibe a criação de riqueza** e emprego mas, antes demonstrar que esta **é geradora de verdadeiras economias de escala social e ambientalmente mais justas e sustentáveis,** na medida em que desde o processo de extração (sector primário) até à produção e investigação (sectores secundário e terciário) detém a metodologia e a prática da preservação ambiental.

Mas qual o motivo de opiniões **tão antagónicas (?)** em que indicadores se sustentam?

Sim, **exclusivamente no PIB (!)** – “o” indicador que mede a atividade económica de cada país através da aferição do valor total da produção de bens e serviços produzidos, por período de tempo e per capita. E é com esta “medição de produção” relativa a bens e serviços, que se afere grau de “esverdeamento” económico de um país!

Ora, quem se pauta pelos valores do desenvolvimento da economia verde, não consegue **ficar indiferente** a este indicador, sendo automaticamente assolado pelas questões: Como são aferidos os valores imateriais, tanto ambientais como

sociais? Como se afere a preservação da biodiversidade e a redução do impacto ambiental?

Esta fragilidade do indicador quanto às questões mais difíceis de discernir, dada a sutileza/tenuidade aparente dos seus fatores tem, também, sido geradora de controvérsia. Mais uma vez, para uns este é o indicador **ótimo, porque contem em si a linguagem do entendimento económico transversal a diferentes países, para outros, este indicador não poderá/deverá, de todo, ser considerado “o” indicador adequado, por ser demasiado estilizado, incapaz de valorar os pilares da economia verde.**

Os defensores deste ponto de vista, aludem à necessidade de serem usados dois parâmetros de medida – **a escala e a intensidade** – onde a escala medirá o “tamanho” e a intensidade o impacto ambiental (tendo em atenção que, para que a economia verde vingue, será necessária a redução progressiva do impacto ambiental relativamente à escala de produção).

Com esta breve contextualização, pretende-se, unicamente, expor a controvérsia existente entre alguns pontos de vista, no que concerne ao indicador de medida mais utilizado para aferir a nossa economia global. Considera-se este debate de suma importância, na medida em que são os indicadore(s) que nos auxiliam a explorar o caminho mais correto para o desenho das nossas políticas económicas, pois tal como nos disse Confúcio:

*Se você tem metas para um ano. **Plante arroz***

*Se você tem metas para 10 anos. **Plante uma árvore***

*Se você tem metas para 100 anos. **Eduque uma criança***

*Se você tem metas para 1000 anos, então preserve o **meio Ambiente***